

mitte as irrigações intestinaes, mas não deriva o curso das materias.

3.º O **anus contra-natura**, que faz uma larga derivação das materias e permite tambem as lavagens do colon. Não devemos esquecer que é muitas vezes bem difficil de terminar o lugar onde deve ser feito este anus (ileostomia, cecostomia, colostomia direita ou esquerda, etc.). Esta operação pôde dar verdadeiras resurreições mas é bem delicado saber quando deve ser fechado o anus artificial!...

4.º As **entero anastomoses** têm dado successos inconstantes.

5.º Emfim — as **reseções** parcial ou total do colon, que é uma intervenção mais grave, é entretanto a intervenção de escolha das fórmulas localizadas e dos pseudo-tumores.

Na **divisão clinica** das recto colites, podemos isolar tres typos que se superpõem ás lesões anatomicas: As evacuações anormaes predominam, mucosidades, puz e sangue chamam a attenção logo para uma affecção terminal do grosso intestino e o quadro clinico pôde variar segundo nos encontramos em presença de uma **fôrma mixta** ou hemorragico-purulenta que é a mais frequente, ou bem se trata de fórmulas com predominancia francamente hemorragica ou purulenta. As lesões nestes casos, se desenvolvem sobretudo ao nível da mucosa.

2.º Estes **symptomas mucosos** podem passar ao segundo plano; a reacção esclero-hypertrophica predomina, realisando as **fórmulas estenosantes** ou pseudo-cancerosas.

3.º Neste ultimo grupo a affecção parece interessar sobretudo a subserosa e a serosa, dando de inicio uma reacção peritonial de intensidade variavel, realisando estas as **fórmulas peritonias**. A evolução destas inflamações é perfeitamente comparavel á da appendicite e é com justa razão que se chamam estas colites de **appendicitis esquerdas**.

Sobre esta fôrma possuo duas interessantes observações, sendo uma pessoal, com diagnostico, as quaes terminaram em abcesso da f. il. E.

O meu caso foi operado pelo Prof. Arthur Franco, com successo completo.

“Duas palavras sobre o diagnostico.

Parece á primeira vista logico e facil fazer, sem maiores investigações o diagnostico de “colite-hemorrhagica”, pois que toda colite pôde, em um momento dado, acompanhar-se de hemorrhagia. E' um grande erro e eu peço licença para prevenir-vos contra elle. Não me faltasse tempo e eu vos citaria observações de doentes de “colite” nos quaes um exame cuidadoso me revelou no recto — já uma ulcera simples hemorrhoïdaria; já uma tuberculose; já a syphilis; já uma estenose, já um tumor maligno!... Julgo desnecessario encarecer o auxilio inestimavel que nos presta a exploração digital e muito principalmente o emprego da recto-sigmoidescopia.

Só depois de eliminadas estas e outras causas conhecidas de rectites e de rectocolites, com suas multiplas manifestações, á que já alludimos no decorrer deste trabalho, é que poderemos fallar de rectocolite hemorragica, grave, de natureza desconhecida, cryptogenetica, de evolução chronica, de prognostico sempre grave, immediatamente ou á distancia pelas complicações sempre temiveis (estenose-perfuração).

—:o:—

Linguagem médica

Dr. Raul Pilla

Avalanche

O vocábulo francês “avalanche” não é propriamente de uso médico; não me occorre outro emprêgo em medicina, que não seja designar um facto de fisiologia nervosa, de incerta e contestada existência, conhecido sob o nome de “lei de avalanche de Pflüger.”

Não tem, pois, este galicismo grande interesse, em si mesmo, para a nossa linguagem médica, quando numerosos aleijões, diariamente expostos ás nossas vistas, estão reclamando mais urgentes cuidados. Isto não obstante: oferece este vocábulo ensejo a uma instrutiva constatação de ordem geral. E' que, para fugir ao extrangeirismo, se vai muita vez cair em excessos neologisticos, que a língua não comporta ou pode perfeitamente dispensar.

E' o que acontece em relação á troca da palavra “avalanche” pelo neologismo **ru-**

nimol, bizarra palavra que o erudito e muitas vezes original filólogo Dr. Castro Lopes assim justifica:

“Chamam os franceses — **avalanche** — a mole ou massa enorme de neve que das montanhas se despega e corre, precipitando-se para o vale. São estas todas as ideias contidas no termo francês **avalanche**.

“Façamos agora a dissecação da palavra e acharemos os elementos latinos **Ad** (para) **valleur** (vale) e **lance** (do verbo francês **lancer**, lançar); os quais, perdidas as letras — d — de **Ad** — **Heur** — de **valleur**, e acrescentando por corruptela popular um — h — depois do — e — de **lance**, produziram — **Avalanche**.

“Tais elementos significam portanto — **lança para o vale**; mas a ideia principal, que é a de neve, não aparece nem transparece na palavra formada, que exprime, por consequência, incompletamente esse fenómeno físico.

“Não obstante tão deficiente formação, querem nacionalizá-la.

“Eu proponho para traduzir **Avalanche** o neologismo **Runimol**.

Aqui encontrar-se-ão os elementos principais do termo que perfeitamente indicam o fenómeno. **Ru** (do verbo **ruere**, ruir, correr precipitadamente) **ni** (de **nix**, **nivis**, neve) **mól** (de **moles**, **ismole**, massa). **Runimol** exprime portanto completamente a ideia complexa de uma mole ou massa de neve que rue, que se precipita; é até uma palavra onomatópica.

“A circumstancia de não ser indicado o **vale**, por onde corre e se precipita a massa de neve, é secundária; não há necessidade de consigná-la, por ser evidente que uma massa de neve, que se despenha das montanhas, não pode correr, senão para baixo, para o vale.

“Será também ridiculo **runimol**, só porque vêm do latim?...”

Não quero dizer tanto, mas é pelo menos escusado, porque temos em português um termo de cunho legitimo para traduzir, o francês **avalanche**: é a palavra **ALUDE**.

Encontra-se nos classicos, como Rodrigues Lobo, e acha-se registada nos dicionários da lingua.

Possuindo o vernáculo e elegante — **ALUDE**, torna-se-nos perfeitamente inutil

o engenhoso e complicado **runimol**. Diga-se, portanto, a lei da alude de Pflüger, uma alude de nomeações, despenhou-se uma alude sobre a aldeia tal, etc.

Pensar sifiliticamente

Exprimindo a nova directriz da medicina monerna, vulgarizou-se uma frase de Huchard, segundo a qual, em clinica, é necessário pensar fisiologicamente. Nada mais justo, quer se encare pelo lado scientifico, quer simplesmente pelo prisma filológico. É uma sentença de forma correcta e significação verdadeira.

Preceitua-se nela que, ao encarar um determinado caso, deve o clinico dar maior importância ás perturbações funcionais, do que ás alterações anatómicas.

Na frase de Huchard, vertida para o português, o verbo **pensar** é intransitivo e significa fazer reflexões, raciocinar e, como se pode pensar de diversos modos e com diferentes critérios, acertadamente ou erroneamente, anatomicamente ou fisiologicamente, etc., claro é que o adverbio está ali muito bem empregado.

Até aqui não há dúvida possível e nos conservamos nos limites do plausível.

O professor Austregesilo, porém, querendo dar ao seu pensamento uma forma igualmente concisa afirmou que, em clinica, convém pensar sifiliticamente. (Clinica Médica, pg. 109).

Não parece que o illustre clinico e famigerado escritor haja logrado exprimir correctamente o seu pensamento.

Tê-lo hia alcançado, se se contentasse em falar como toda a gente e tivesse dito: Em clinica convém pensar na sífilis.

Teria sido claro e correcto ao mesmo tempo. Claro, porque ninguém se poderia arrogar o direito de entender que, em clinica, se deve pensar como os sifilíticos, á maneira sifilítica, e só poderia entender que o que convém é ter sempre em mente a sífilis, prevêr sempre a sífilis. Correcto, porque não confundiria duas accepções gramaticalmente distintas do mesmo verbo. Ao passo que, na sentença de Huchard, o verbo **pensar** tem a significação de reflexionar, raciocinar, na frase do Prof. Austregesilo a sua significação é outra e

requer objecto, que não pode ser substituído por um simples adverbio. Deve-se, pois, pensar na sífilis, mas nunca **sifiliticamente**.

Um homem prudente deve pensar sempre nas **excepções**, mas seria desastroso se pensasse **excepcionalmente**.

—:o:—

Imprensa Medica

Os "Archivos Rio Grandenses de Medicina", recebem, actualmente, em permuta as seguintes revistas medicas, nacionaes e estrangeiras:

NACIONAES

Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, São Paulo.

A Folha Medica, Rio de Janeiro.

Laboratorio Clinico, Rio de Janeiro.

Pharmacologo, Florianopolis.

Archivos Brasileiros de Neuriatria, Rio de Janeiro.

Archivos Paranaenses de Medicina, Paraná.

A Tribuna Medica, Rio de Janeiro.

Boletim Mundial, Rio de Janeiro.

Gazeta Clinica, São Paulo.

Amazonas Medico, Amazonas.

ESTRANGEIRAS

La Clinica Castelaña, Valladolid, Hespanha.

The Journal of the Maine Medical Association, Maine, E. U.

La Crónica Medica, Lima, Perú.

Gazette des Hôpitaux, Paris.

Revista de Medicina y Cirurgia, Barcelona, Hespanha.

Journal de Médecine de Bordeaux, Bordeaux.

La Chirurgie dell'Ernia e dell'Addome, Napoles, Italia.

The Southwest Journal of Medicine and Surgery, El Reno, E. U.

La Grèce Médicale, Grecia.

La Médecine, Paris.

Revista Farmaceutica de Nicaragua, Managua, Nicaragua.

Archivos de Medicina, Cirurgia y Especialidades, Madrid.

La Pediatria, Napoles, Italia.

The Journal of the American Medical Association, (ed. Hesp.), E. U.

Spitalul, Bucarest, Rumania.

La Juventud Medica, Guatemala.

Revista de Medicina y Cirurgia de la Habana, Havana.

Revista del Circulo Medico Argentino, Buenos-Ayres.

The Journal of Obstetrics and Gynecology, St. Louis, E. U.

Long Island Medical Journal, E. U.

Pathologia, Genova, Italia.

A Medicina Moderna, Porto, Portugal.

Endocrinology, Ohio, E. U.

Repertorio de Medicina y Cirurgia, Bogotá, Columbia.

Anales de la Facultad de Medicina de Lima, Lima, Perú.

Revista Sanitaria Siciliana, Italia.

Archivos Españoles de Pediatria, Madrid, Hespanha.

L'Italia Sanitaria, Roma.

Cronica Medico-Quirurgica de la Habana, Havana.

Anales de la Direccion de Sanidad Nacional, Caracas, Venezuela.

Revista del Centro Estudiantes de Medicina Quito.

Revista das Revistas

Osteochondrite deformante infantil da epiphyse superior do femur (Albert Mouchet et Georges *fil* "Revue d'orthopédie" — 1921. — Mouchet — Journ. de Chirurgie, Agosto 1921.) *fil*

A interessante memoria de Etienne Sorrel chama attenção sobre uma affecção isolada, sómente desde uma dezena de annos, do grupo das coxalgias, cujo estudo é por demais importante, tanto na pratica como na paternidade.

Os americanos reivindicam a prioridade — **Molestia de Legg** (de Boston) e os alemães — **Molestia de Perthes** (de Tübingen.)

Mouchet e Georges *fil* expõe o estado actual da questão na "Revue générale", acompanhada de um indice bibliographico completo dos trabalhos após a these de doutoramento de Mérine (1919.) *fil*